

Na abertura do Sínodo, papa diz que ideologias são ‘armas perigosas’

Pontífice cobra respeito à cultura, história e estilo de vida dos indígenas e critica 'anseio de domesticar povos originais'

Por Da Redação

access_time 8 out 2019, 04h20 - Publicado em 7 out 2019, 10h20 - veja.abril.com.br



Representantes indígenas da Amazônia e do Vaticano caminham ao lado do papa Francisco durante celebração no Sínodo da Amazônia em Roma - 07/10/2019 (Andreas SOLARO/AFP)

No discurso de abertura dos trabalhos do **Sínodo da Amazônia** na manhã desta segunda-feira, 7, o Papa Francisco cobrou respeito à cultura indígena e rejeitou as “colonizações ideológicas” destrutivas ou redutoras.

“As ideologias são uma arma perigosa. São redutivas e nos levam ao exagero em nossa pretensão de entender intelectualmente, mas sem aceitar. Entender sem admirar, entender sem assumir”, afirmou.

O pontífice afirmou ainda não ver diferença entre as penas na cabeça de um indígena da Amazônia e o chapéu usado pelos líderes da Igreja. Diante de mais de 250 participantes, reagiu contra as “palavras ofensivas” em relação aos povos tradicionais da região.

“Fiquei triste ao ouvir, aqui mesmo, um comentário sarcástico sobre um homem devoto que levou ofertas com penas na cabeça. Digam-me: qual é a diferença entre ter penas na cabeça e o chapéu tricórnio usado por certos responsáveis em nossos dicastérios?” (ministérios da Cúria Romana), questionou o pontífice, para os aplausos da assembleia.

“Devemos nos aproximar dos povos amazônicos na ponta dos pés, respeitando sua história, sua cultura, seu estilo de bem viver”, disse o papa.

Francisco afirmou que os povos da Amazônia não deveriam ser “abordados com um tipo de anseio empresarial que procura lhes dar programas preconcebidos que visam discipliná-los” e às suas história e cultura.

“A colonização ideológica é muito comum hoje... (vamos dizer) ‘não’ a esse anseio de domesticar povos originais”, disse.

O sínodo especial continua até o dia 27 de outubro e se tornou um dos mais controversos gestos do papado de Francisco. O encontro vai discutir questões ambientais, além de temas sociais, ambientais e religiosos dos nove países que têm territórios na Amazônia. Além do Brasil, são Bolívia, Colômbia, Equador, Peru, Guiana, Guiana Francesa, Venezuela e Suriname.

Dos cerca de 250 convocados pelo papa para participar do Sínodo, 58 são brasileiros – é a maior delegação. O relator-geral do Sínodo é o cardeal brasileiro dom Cláudio Hummes, arcebispo emérito de São Paulo e presidente da Rede Eclesial Pan-Amazônica (Repam).

Documento de trabalho



Papa Francisco durante assembleia no Sínodo da Amazônia no Vaticano – 07/10/2019 (Andreas SOLARO/AFP)

Quanto ao texto de trabalho do sínodo, já criticado pelos ultraconservadores da Igreja, o papa pediu aos bispos que se sintam à vontade para escrever seu próprio documento final.

O texto (“instrumentum laboris”), nascido de uma vasta consulta dos povos indígenas da Amazônia, “é um texto mártir destinado a ser destruído”, brincou o papa, causando risadas.

O documento de trabalho do sínodo insiste na necessidade de uma “inculturação” (termo cristão que defende adaptação missionária à cultura local).

A assembleia vai discutir, portanto, se o catolicismo deve ser tratado em todos os lugares como um símbolo da cultura romana e latina, ou se pode ser interpretado à sua maneira e sem negá-lo por outras culturas.

Para o cardeal alemão Walter Brandmüller, ex-presidente do Pontifício Comitê de Ciências Históricas, trata-se de “heresia”. O religioso criticou a corrente que amplia as “práticas de cura indígenas” e o “diálogo com os espíritos”.

O cardeal brasileiro Cláudio Hummes pediu aos participantes “não ter medo do novo”.

“Uma coisa é o tradicionalismo que fica preso no passado, outra é a verdadeira tradição, que é a história viva da Igreja, em que cada geração, acolhendo o que lhe é entregue pelas gerações anteriores, como compreensão e vivência da fé em Jesus Cristo, enriquece esta tradição com sua própria vivência”, considerou.

“Na fase da escuta sinodal, os povos indígenas manifestaram de muitos modos que querem o apoio da Igreja na defesa e promoção de seus direitos, na construção de seu futuro e pedem que a Igreja seja uma aliada constante”, insistiu ainda o brasileiro, que foi criticado pelo presidente Jair Bolsonaro nos últimos meses.

Cerimônia

Antes de começar os trabalhos, todos os participantes do Sínodo se reuniram na manhã desta segunda-feira na Basílica de São Pedro. Representantes dos povos indígenas, que formaram um círculo em torno de uma barca de madeira colocada no chão da basílica, cantaram canções tradicionais.

Por sua vez, o papa, os bispos, os cardeais e religiosos do sínodo cantaram um texto católico tradicional. Os povos indígenas, com roupas coloridas, alguns com cocares de penas, entregaram alguns presentes ao papa.

Todos os participantes deixaram a basílica em procissão, seguindo a barca da Amazônia até a sala do sínodo, ao ritmo de canções locais em espanhol sobre “os filhos da selva”, “as águas dos rios” e “a terra fértil”.

(Com AFP)